

EIXO BIMESTRAL:
CONTO E ROMANCE NO REALISMO E NATURALISMO / ARTIGO DE
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

TEXTO GERADOR I

“O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, pode ser considerado a obra-prima do Naturalismo brasileiro. Publicado em 1890, o texto narra a escalada social do português João Romão, dono do cortiço. Vários dramas relacionados aos moradores do cortiço ocorrem. Dentre eles o que envolve Jerônimo e Rita Baiana. O trecho selecionado mostra a dança de Rita Baiana. Neste momento surge a paixão do português Jerônimo pela mulata Rita.

(...)

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboaleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.

Em torno o entusiasmo tocava ao delírio; um grito de aplausos explodia de vez em quando, rubro e quente como deve ser um grito saído do sangue. E as palmas insistiam, cadentes, certas, num ritmo nervoso, numa persistência de loucura. E, arrastado por ela, pulou à arena o Firmo, ágil, de borracha, a fazer coisas fantásticas com as pernas, a derreter-se todo, a sumir-se no chão, a ressurgir inteiro com um pulo, os pés no espaço, batendo os calcanhares, os braços a querer fugirem-lhe dos ombros, a cabeça a querer saltar-lhe. E depois, surgiu também a Florinda, e logo o Albino e até, quem diria! o grave e circunspecto Alexandre.

O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha de caju, que abre ferida com seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma

nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno de Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar uma fosforescência afrodisíaca.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço.

[TRECHO REMOVIDO]

TEXTO GERADOR II

O segundo texto gerador é parte de um artigo publicado em um jornal de grande circulação. Nesse texto, o autor aborda a teoria da evolução, de Charles Darwin.

Antepassados não tão distantes

Os chimpanzés sofrem quando perdem a mãe ou um amigo

Quando Darwin afirmou, no século 19, que somos descendentes de macacos, que temos mais a ver com criaturas peludas e barulhentas com rabos longos e dentes afiados do que com anjos celestes, os vitorianos ficaram ultrajados. Por 3.000 anos, a história que vinha sendo contada era diferente. Seríamos criação de Deus, quase tão perfeitos quanto ele. Não fosse a ousadia de Adão e Eva, estaríamos até agora passeando nus pelo Jardim do Éden, sem sabermos da existência do pecado original.

Muita gente ainda se ofende com a insistência dos cientistas em nos chamarem de macacos evoluídos. Mas deveríamos nos orgulhar de nossos antepassados, que encontraram meios de sobreviver em um ambiente austero e cheio de predadores.

Há 30 milhões de anos, babuínos, chimpanzés e humanos eram indiferenciáveis. Desde então, variações genéticas submetidas à pressão da seleção natural foram criando as diferenças que resultaram nos três primatas.

Babuínos mostram uma grande sofisticação social, vivendo em grupos de aproximadamente 150 indivíduos que reúnem em torno de oito famílias. Pesquisadores como Dorothy Cheney (nenhuma relação com o vice-presidente americano) e Robert Seyfarth, que passam longos períodos nas florestas de Botsuana, verificaram que babuínos, especialmente as fêmeas, desenvolvem fortes alianças familiares, defendendo membros da família em caso de desavenças com outros babuínos ou em ataques de predadores.

Para tal, os primatas desenvolveram meios de identificar seus parentes visualmente e por meio de vocalizações. Não há dúvida de que o agrupamento dos babuínos exibe traços que podemos identificar na nossa sociedade. Quantas famílias têm um assobio especial que usam quando estão em lugares muito cheios?

Mas nossos parentes mais próximos são os chimpanzés, com quem dividimos 98,4% dos nossos genes. Jane Goodall, a pesquisadora inglesa que revelou ao mundo a sofisticação dos nossos primos, passou anos nas florestas da Tanzânia observando seu comportamento.

Diferentemente dos babuínos, a característica mais marcante dos chimpanzés não é o agrupamento, mas a sofisticação de seu comportamento. Chimpanzés estão entre os poucos animais que usam ferramentas para efetuar tarefas. Cortam galhos longos para "pescar" formigas e cupins em troncos e cupinzeiros.

Como os babuínos, caçam em grupos e defendem seu território em ferozes guerras tribais. Como os humanos, sofrem quando perdem a mãe, o pai ou um irmão, ou quando um companheiro de longa data morre. Esses achados tornam difícil distinguir se somos um pouco macacos ou se os macacos são um pouco humanos. Certamente, eles nos remetem às nossas origens evolucionárias.

Recentemente, um experimento na Universidade de Kyoto, no Japão, comparou a memória dos chimpanzés com a dos humanos. Sequências de cinco números de um a nove foram mostradas a estudantes e chimpanzés por frações de segundo na tela de um computador. Após 650 milésimos de segundo, os números do monitor viravam quadrados brancos. O teste envolvia tocar os quadrados em ordem numérica crescente.

Tanto os estudantes quanto o chimpanzé acertaram 80% das vezes. Quando o intervalo baixou para 210 milissegundos, os humanos acertaram 40% das vezes e o chimpanzé 80%. Perdemos para um macaco. "Talvez", disse um dos pesquisadores, "nossa habilidade para contar atrapalhe". No mínimo, o experimento mostra que nossos primos são bem menos distantes do que pensamos.

(GLEISER, Marcelo – Folha de São Paulo, 25/05/2008)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 5

No artigo de divulgação científica, o autor apresenta sua tese e procura fundamentá-la com argumentos.

A) No artigo em foco, qual é a tese defendida?

B) Com que argumentos o autor fundamenta essa tese?

Habilidade trabalhada: Diferenciar tese, argumentos e contra-argumentos para a estruturação e defesa do ponto de vista.

Resposta comentada: Esta questão ajuda a desenvolver a habilidade de identificar tese e argumentos nos textos. Para responder o item A, o aluno precisa observar que a tese defendida pelo autor é a de que o homem é descendente do macaco. Como resposta do item B, ele precisaria reconhecer que, para defender tal ideia, o autor se utilizou de

pesquisas que comparam o comportamento humano com o dos macacos: os chimpanzés, por exemplo, sofrem quando perdem um ente querido.

[TRECHO REMOVIDO]

Palavras-chave: Artigo de divulgação científica – tese e argumentos – defesa de ponto de vista

Resultados pedagógicos

Tive uma boa receptividade com este RA, pois as questões são claras e objetivas, eles gostam disso porque não querem escrever muito.

A questão de produção textual foi uma atividade valendo nota, que deveria ser feita em casa, depois de muita pesquisa. Para complementar a produção textual, passei também uma tarefa de confecção de cartazes sobre o tema do aquecimento global, esta atividade foi em grupo de 4 ou 5 alunos.

As dificuldades foram pontuais, apenas alguns alunos mais desinteressados não gostaram de ter de pesquisar para escrever um texto. Por isso o cartaz foi interessante, pois fez com que eles pudessem visualizar aquilo que escreveram.